

Psicologia Arquetípica e o Método Fenomenológico de Husserl: Trabalhando com Imagens Oníricas

João Luis Corá Silva* 

Resumo

A psicologia arquetípica é um desenvolvimento teórico da psicologia analítica de C. G. Jung e uma abordagem crítica à psicologia moderna como um todo. Entre as críticas feitas por seu fundador James Hillman, este artigo destacará a substituição de uma perspectiva reducionista e literal do fenômeno psicológico por uma perspectiva fenomenológica. Este artigo tem como objetivo investigar a presença do método fenomenológico de Husserl na obra de Hillman, desde sua aplicação em sua tese *Emotion* (1959), na qual adota o método husserliano da *epoché*, até a publicação de seu *opus magnum*, *Re-vento a Psicologia* (1975), no qual o ato de “psicologizar” se aproxima da fenomenologia, uma vez que ambos buscam compreender a “essência” dos fenômenos. Em síntese, o método fenomenológico se evidencia no trabalho com imagens oníricas, em que a Psicologia Arquetípica se mantém fiel ao fenômeno, circulando em torno da própria imagem a fim de apreender seu plano de fundo arquetípico. ■

Autor correspondente:

João Luis Corá Silva
joao_luis_cora@hotmail.com

Replicação

Recebido: 17-10-2025

Aprovado: 07-03-2026

Revisado: 06-09-2026

Como citar:

Silva JLC. (2026).
Psicologia Arquetípica e o Método
Fenomenológico de Husserl:
Trabalhando com Imagens Oníricas.
JUNGUIANA, 2026;44:e09.
<https://doi.org/10.70435/junguiana.v44.319>

Palavras-Chave: Psicologia Arquetípica; James Hillman (1926-2011); E. Husserl (1859-1938); Método fenomenológico (1905-1980); Sonhos.



* Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná, Brasil. Psicólogo Clínico, especialista em Psicologia Analítica, Mestre em Filosofia, Mestre em Psicologia e atualmente doutorando em Psicologia pela UFPR. Pesquisa as bases filosóficas e epistemológicas do pensamento de James Hillman. Autor do livro “O Dionisíaco Amor à Vida: entre Jung e Nietzsche”.

Archetypal Psychology and Husserl's Phenomenological Method: Working with Dream Images

Abstract

Archetypal psychology is a theoretical development of C. G. Jung's analytical psychology and a critical approach to modern psychology as a whole. Among the criticisms made by its founder James Hillman, this article will highlight the replacement of a reductionist and literal perspective of the psychological phenomenon with a phenomenological perspective. This article aims to investigate the presence of Husserl's phenomenological method in Hillman's work, from its application in his thesis *Emotion* (1959), in which he adopts the Husserlian method of the *epoché*, to the publication of his *magnum opus*, *Re-Visioning Psychology* (1975), where the act of "psychologizing" is close to phenomenology, since both seek to understand the "essence" of phenomena. In summary, the phenomenological method is evident in the work with dream images, in which Archetypal Psychology remains faithful to the phenomenon, circulating around the image itself in order to grasp its archetypal background. ■

Keywords: Archetypal Psychology; James Hillman (1926-2011); E. Husserl (1859-1938); Phenomenological Method (1905-1980); Dreams.

Psicología arquetípica y método fenomenológico de Husserl: trabajando con imágenes oníricas

Resumen

La psicología arquetípica es un desarrollo teórico de la psicología analítica de C. G. Jung y un enfoque crítico de la psicología moderna en su conjunto. Entre las críticas formuladas por su fundador, James Hillman, este artículo destacará la sustitución de una perspectiva reduccionista y literal del fenómeno psicológico por una perspectiva fenomenológica. Este artículo pretende investigar la presencia del método fenomenológico de Husserl en la obra de Hillman, desde su aplicación en su tesis *Emoción* (1959), que adopta el método husserliano de la *epoché*, hasta la publicación de su obra maestra, *Re-imaginar la Psicología* (1975), donde el acto de "psicologizar" se aproxima a la fenomenología, ya que ambas buscan comprender la "esencia" de los fenómenos. En resumen, el método fenomenológico se evidencia en el trabajo con imágenes oníricas, en el que la Psicología Arquetípica se mantiene fiel al fenómeno, girando en torno a la imagen misma para comprender su trasfondo arquetípico. ■

Palabras-clave: Psicología Arquetípica; James Hillman (1926-2011); E. Husserl (1859-1938); Método fenomenológico; Sueños.

Introdução

A psicologia analítica de C. G. Jung, conhecida igualmente como psicologia complexa, compreende como necessário um método que se atenha à psique como essencialmente simbólica, contrapondo-se

a uma visão reduutivo-causal. O método simbólico ou sintético-construtivo, como Jung o nomeia em *Psicologia do Inconsciente*, fundamenta-se na compreensão do símbolo como "a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido" (2013, p. 487). Dessa forma, a psique será

apreendida como produtora de fatos psicológicos e simbólicos, os quais serão sempre, em parte, desconhecidos para a consciência.

Por isso, Jung enfatiza nas *Conferências de Tavistock*: “Devo repetir mais uma vez que meus métodos não descobrem teorias, mas sim fatos [...]” (2013b, p. 77). Considerando o psiquismo como um fato, e não como uma teoria, o método simbólico ou construtivo da psique buscará ampliar o significado simbólico dos fatos psicológicos e não os reduzir a uma única explicação teórica. Tal redução implicaria na transposição do campo psicológico e simbólico para o campo semiótico dos signos. Novamente Jung: “Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado. Mas, uma vez brotado o sentido dele [...] [,] o símbolo está morto [...]” (2013, p. 487).

Devido a essa abordagem simbólica da psique, autores como Roger Brooke identificam na psicologia analítica de Jung uma possível afinidade com a perspectiva fenomenológica. Em *Jung and Phenomenology*, Brooke (2009) argumenta que o método construtivo-sintético, assim como o método fenomenológico husserliano, buscará “voltar às coisas mesmas” ao retornar diretamente aos fatos psicológicos, isto é, voltar-se ao fenômeno psicológico a partir de sua própria apresentação enquanto símbolo, compreendendo-o como anterior a qualquer interpretação teórica que sempre ocorrerá *a posteriori* (Brooke, 2009; Brooke, 2000).

Como pontua Samuels (1989), após a morte de Jung em 1961, surgiram novas correntes teóricas ligadas à psicologia analítica, como a escola arquetípica ou imaginal de James Hillman, a qual terá como ênfase justamente o aspecto simbólico, poético (*poiesis*) e fenomenológico da psique. Segundo Brooke (2009), será justamente a partir da formulação de uma base mito-poética e simbólica para a psique que se pode identificar uma relação entre o pensamento de Jung e a fenomenologia — nunca de fato sistematizada pelo próprio Jung. Contudo, em Hillman, essa relação se mostra de forma mais explícita e profunda, pois ele não apenas mencionará autores da fenomenologia em sua obra, como também utilizará o método fenomenológico em sua

abordagem sobre a psique (Hillman, 1959/1992; Samuels, 1989; Brooke, 2009).

A proximidade de Hillman com a fenomenologia se destaca não apenas pela ênfase no aspecto simbólico e mito-poético da psique já presente em Jung, mas sobretudo por sua abordagem direta do fenômeno por meio do trabalho com imagens oníricas. O trabalho com os sonhos serve-nos de exemplo de sua perspectiva fenomenológica em ação, especialmente por sua insistência em permanecer próximo à dimensão fenomênica e imagética do sonho, o “ficar com a imagem” (*stick to the image*), um exercício de atenção minuciosa às características da cena onírica. Abandonando quaisquer tendências interpretativas, Hillman emprega processos como a repetição e a analogia para circular em torno da imagem (*circuambulatio*), aprofundando e ampliando as múltiplas significâncias inerentes à imagem, circunscrevendo suas bordas e contornos (Casey, 2016; Hillman, 1977/2018).

Dessa forma, a psicologia arquetípica será compreendida aqui como um desdobramento teórico da psicologia analítica de Jung, não uma crítica e/ou uma ruptura absoluta em relação a obra junguiana, uma vez que o próprio Hillman considera Jung como fonte, mas não como doutrina (Hillman, 1983/1988, p. 22). Sendo assim, em alguns momentos evidencio o compromisso de Hillman em aprofundar as ideias de Jung, como a partir do que Samuels (1989) denominará como estilo poético do pensamento junguiano, o qual será levado às últimas consequências na proposta de uma base poética e imagética para a psique em Hillman. No entanto, demonstrarei também as diferenças entre suas concepções, como será o caso da concepção de “arquetipo” e mesmo a noção de “alma”, as quais segundo Hillman (1988) serão pensadas por Jung ainda na esteira de uma perspectiva kantiana de pensamento ao separar radicalmente o arquétipo numinoso *per se* da imagem arquetípica fenomênica (Hillman, 1983/1988, p. 35; Hillman, 1975/2010).

O presente artigo é resultado parcial de minha dissertação de mestrado em Psicologia sobre as bases filosóficas do pensamento de James Hillman, com o título *A Atitude Fenomenológica em James*

Hillman: Emotion e Desdobramentos em Obras Posteriores. Estabeleço como ponto de partida a primeira obra de Hillman, a tese *Emotion*, a qual segundo Casey (2006) citado em Russell (2013) seria o trabalho mais acadêmico de sua obra. Em *Emotion*, Hillman apresenta de forma clara e lógica suas escolhas filosóficas e metodológicas, a partir das quais encontraremos a presença do método fenomenológico. Apesar disso, o método husserliano voltará a ser utilizado em sua obra magna *Re-vendo a Psicologia*, na qual a fenomenologia emergirá como fio de Ariadne para a construção do seu próprio método de “psicologizar” e/ou “enxergar-através”, como será apresentado ao longo desse artigo (Beck, 2015; Russell, 2013).

James Hillman e a Fenomenologia

Em *Twisting and Turning with James Hillman*, Tacey (1998) destaca a virada pós-junguiana como um desdobramento direto da inserção dos conceitos da psicologia analítica em um cenário pós-moderno, caracterizado pela diversidade, pelo multiculturalismo, pelo relativismo e pelo perspectivismo. Nesse contexto caracterizado pelo relativismo hermético, referindo-se aqui ao deus grego Hermes, conhecido como mensageiro, figura mítica sempre em transição de um lugar para o outro, não-fixo, em contínuo movimento, a psicologia arquetípica surge não apenas como uma ruptura teórica e epistemológica em relação à psicologia moderna, mas também como uma resposta à necessidade da alma do mundo diante das complexidades do pós-modernismo (Tacey, 1998, p. 219).

Na psicologia arquetípica de James Hillman, observa-se a substituição de substantivos por verbos, ou seja, concepções substancializadas e fixas, como a ideia de unidade representada na psicologia moderna pelo conceito de *Self*, dão lugar a uma visão da alma como imagem, metáfora e perspectiva. A noção de progresso cede espaço a um contínuo e infinito refinamento da alma, denominado cultivo da

alma (*soulmaking*)¹. A busca pelo conhecimento do arquétipo “em-si” será substituída por uma compreensão do arquetípico como qualidade ou adjetivo, dotado de múltiplos significados. Da mesma forma, o conhecimento teórico e conceitual sobre a psique será substituído pela concepção de “imagem”, entendida como uma fonte qualitativa, contextual e inesgotável de insights e possibilidades (Tacey, 1998; Hillman, 1979/2019).

Em psicologia arquetípica, a noção de “arquetípico” e a de “imagem” se aproximam, tornando-se análogas ou mesmo indistinguíveis, dessa forma opondo-se a qualquer tipo de explicação teórica que cinde o fenômeno em uma dualidade entre fenômeno e *noumenon*, sujeito e objeto, no-ético e imaginário. Assim, reforça-se a perspectiva fenomenológica em seu plano de fundo, no qual a essência dos fenômenos já está dada em sua própria aparência fenomenológica, opondo-se à cisão cartesiana entre sujeito do conhecimento e objeto conhecido (Cerbone, 2012; Føllesdal, 2012; Hillman, 1979/2018; Hillman, 1983/2022).

Sendo assim, em psicologia arquetípica, a psique será compreendida como imagem, fazendo menção direta à afirmação de Jung em *Estudos Alquímicos* “psique é imagem” (Jung, 2013c, p. 57), então substituindo uma concepção metafísica e estática da psique, como se ela fosse um objeto a ser conhecido, como um fato concreto a ser analisado objetivamente. Em seu lugar, adota-se uma concepção fenomenológica na qual a psique é compreendida como qualidade arquetípica das coisas e do mundo, como uma capacidade de tornar os fenômenos significativos, conferindo-lhes valor, importância e alma (Hillman, 1975/2010, p. 27; Hillman, 1983/2022).

Encontraremos uma intersecção entre a psicologia arquetípica e o método fenomenológico de Husserl em Tomas Moore (1991) no prólogo da antologia *A Blue Fire*, no qual argumentará que Husserl foi uma das raízes do pensamento de Hillman, assim como em *Philosophical Intimations (UE 8)*, em

¹ A tradução em português para *soulmaking* é “cultivo da alma”, expressão que poderia ser melhor traduzido como “fazer-alma”, devolvendo a noção de movimento e ação à alma.

que Casey (2016) delinea a presença notável da fenomenologia de Husserl no pensamento e na obra de Hillman.

Segundo Moore (1991), Hillman partirá do lema fenomenológico de “voltar às coisas mesmas” (Husserl, 1913/2006) para apreender o fenômeno psíquico como um todo, atendo-se à descrição da imagem a partir de todas as perspectivas possíveis, afim de apreender o *eidós* singular que fala através fenômeno, antecipando o risco de reduzi-lo a uma única interpretação possível. Como escreve Moore, “(...) Cada fenômeno, cada deus, tem seu próprio estilo retórico e tom emocional. O tema tem um modo de falar a partir da forma como é escrito”² (1991, pp. 3-4).

De acordo com Casey (2016), o conceito de *anima mundi* aproxima-se da concepção fenomenológica de Husserl de “mundo da vida” (*Lebenswelt*). Nas palavras de Casey, “Com a noção de alma do mundo, fenomenologia e psicologia profunda unem forças”³(...)” (2016, p 17). Como será explorado no tópico sobre o Psicologizar e o Método Fenomenológico, é possível identificar semelhanças entre a ideia de *anima mundi* e a concepção de subjetividade transcendental em Husserl (Hillman, 1975/2010; Zahavi, 2015).

Além disso, o lema arquetípico “ficar com a imagem” convoca à descrição fenomenológica das sutilezas da imagem a partir dela mesma. Hillman denomina essa atitude de “*notitia*”, um modo de atenção plena às imagens que descreverá minuciosamente suas “semelhanças e diferenças em filigrana”, com uma atenção “escrupulosa e solícita, escolhendo suas características apresentadas tal como aparecem”. A atitude fenomenológica de *notitia* não pretende desvelar a verdade oculta dos fenômenos, mas ater-se à uma “apreensão do que está lá e do que há lá — e fazê-lo sem nenhum sacrifício de precisão”, como escreve Hillman (Hillman, 1989, p. 101, citado em Casey, 2016, pp. 16-17).

James Hillman e o Método Fenomenológico de Husserl em *Emotion*

A primeira abordagem direta de James Hillman ao método fenomenológico ocorre em sua tese de doutorado *Emotion*, produzida na Universidade de Zurique entre 1955 e 1959, enquanto ele estava simultaneamente em treinamento como analista no Instituto Junguiano de Zurique. Neste ponto, ele utiliza o método fenomenológico como ferramenta fundamental para a construção de sua própria atitude fenomenológica diante das imagens da psique. A primeira menção de Hillman ao método fenomenológico de Husserl em *Emotion* é: “É preciso ir direto à coisa ela mesma. Essa é a primeira e fundamental regra do método fenomenológico”⁴. Ora, Hillman está aqui apontando para o lema da fenomenologia, o “voltar às coisas mesmas”, como fundamental para o seu próprio processo de voltar-se para a alma a partir dela mesma, ouvindo a sua própria linguagem imagética, antes de qualquer tipo de interpretação e/ou sistema teórico psicológico (Hillman, 1959/1992; Hillman, 1979/2018).

Citando especificamente uma obra de Husserl, sua versão em inglês do *Ideas for a Pure Phenomenology and Phenomenological Philosophy*, Hillman utiliza o termo “*bracket out*”, que remete à atitude de colocar entre parênteses, ou seja, à suspensão de julgamentos e teorias pré-reflexivas, à *epoché* da redução fenomenológica de Husserl (Husserl, 1913/1931 citado em Hillman, 1959/1992). Como escreve Hillman, “Os cientistas naturais, em particular, não aceitariam ser ‘colocados entre parênteses’ da maneira que Husserl descreve”⁵ (Hillman, 1959/1992, p. 10).

Neste caso, a intenção de adotar o método fenomenológico corresponde à de colocar entre parênteses as diversas teorias sobre os fenômenos psicológicos das emoções, as quais Hillman compreende como insatisfatórias e parciais, uma vez que se baseiam majoritariamente em definições

² Tradução livre.

³ Tradução livre.

⁴ Tradução livre.

⁵ Tradução livre.

experimentais, técnicas e empíricas, assim reduzindo o que há de essencial para a psique a sistemas teóricos fechados, ou a um conjunto de fatos (Hillman, 1959/1992, p. 9; Føllesdal, 2012).

Além do pai da fenomenologia, Hillman também cita Jean Paul Sartre. Baseando-se especialmente *The Emotions: Outline of a Theory* de 1939, em que Sartre se apoia no método fenomenológico na tentativa de construir uma perspectiva fenomenológica sobre as emoções, Hillman continua a argumentar que as emoções não podem ser categorizadas como fatos concretos e isolados, mas antes que deveríamos nos voltar “diretamente para as próprias emoções e perguntar-lhes o que são”, como cita Hillman (Sartre, 1939/1948, p. 9 citado em Hillman, 1959/1992, p. 11)

Como a redução fenomenológica husserliana, Hillman intenciona voltar às coisas mesmas, isto é, às essências dos fenômenos, sendo que o termo essência aqui deve ser entendido em seu sentido fenomenológico como a estrutura essencial de uma determinada experiência e não como uma substância metafísica e/ou entidade suprassensível. A crítica da fenomenologia a um conhecimento que se atém aos fatos volta-se precisamente à pretensão da ciência natural de estabelecer um conhecimento absoluto sobre o fenômeno da psique humana, sem antes considerar que todo conhecimento empírico deriva de uma postura pré-reflexiva munida de crenças, valores culturais, dogmas, pressupostos, sistemas teóricos, etc. (Husserl, 1907/1990, p. 29; Husserl, 1913/2006, Zahavi, 2015, p. 68).

Por essa razão a *epoché*, do grego, “suspensão”, terá um papel fundamental para a redução fenomenológica, já que, somente ao colocar em suspensão tal atitude pré-reflexiva que antecede todo conhecimento empírico, seria possível investigar a estrutura essencial da experiência que constitui esses modos de conhecer e de vivenciar o mundo. Além disso, a *epoché* do método fenomenológico marca uma transposição da percepção imediata dos objetos físicos para uma investigação do próprio ato de perceber o mundo, o que, em fenomenologia, é denominado como ato intencional, sendo essa a condição para apreender a estrutura essencial de

uma determinada experiência, isto é, a constituição eidética dos fenômenos (Zahavi, 2015; Husserl, 1907/1990; Ricoeur, 2009).

Em *Emotion*, Hillman adota o método fenomenológico de suspensão (*epoché*) como o método mais adequado para voltar-se à essência do fenômeno psicológico das emoções, o seu todo. Como já mencionado, não se trata aqui de alcançar a verdade oculta do fenômeno, mas de apreender a estrutura essencial de uma determinada experiência. Sendo assim, a *epoché* suspenderá as diversas teorias e interpretações sobre as emoções, a fim de voltar-se às emoções a partir de si mesmas e então desvelar o fundo eidético que constitui uma determinada experiência fenomenológica, em outras palavras, o fundo arquetípico e/ou a alma dos fenômenos, movimento que constituíra posteriormente a atitude de “ficar com a imagem” (*stick to the image*) (Hillman, 1959/1992, p.9).

Encontraremos no decorrer de toda a obra hillmaniana uma crítica aos literalismos, ao fisicalismo e à *physys*, como escreve em *Re-vendo a psicologia*, já que a apreensão naturalizada e objetiva do mundo impossibilitaria, para o autor, uma perspectiva psicológica, significativa e imagética da realidade. Sendo assim, a argumentação de Hillman parece seguir o mesmo direcionamento da fenomenologia husserliana, propondo colocar entre parênteses as percepções pré-reflexivas sobre o fenômeno, e então colocar em evidência a constituição arquetípica e imagética que constitui a própria percepção, o que, em Husserl, corresponderia à estrutura eidética da experiência (Hillman, 1975/2010; Føllesdal, 2012).

Em última análise, trata-se de uma transposição do que se vê, o objeto, o fato concreto, para uma investigação do modo como se vê, o que em Husserl corresponde ao ato intencional, à estrutura essencial da experiência. Já em Hillman tal transposição encontra-se mesmo em sua definição de imagem arquetípica, aproximando-a da noção de *eidos* da filosofia grega antiga, não como “o que” se vê (objeto), mas antes como “aquilo através do que se vê”, enquanto uma perspectiva e/ou um plano de fundo da própria experiência (Hillman, 1983/1988, p. 35)

Psicologizar e o Método Fenomenológico em *Re-vedo a psicologia*

A menção à fenomenologia de Husserl reaparece *Re-visioning Psychology*, resultado de uma conferência nas *Terry Lectures* em Yale em 1972 e obra-prima de James Hillman, ganhadora do Prêmio Pulitzer. Nela, Hillman escreve que a questão da psicologização arquetípica para o “o que” dos fenômenos se aproxima da tradição essencialista. Como ele escreve, “O que pertence à tradição essencialista que se estende desde Aristóteles até Husserl, o pai da fenomenologia moderna” (Hillman, 1975/2010, p. 273).

Embora encontremos referências à hermenêutica e à fenomenologia ao longo da obra, bem como a autores como Ortega y Gasset, Paul Ricoeur e Wilhelm Dilthey — este último reconhecido por Hillman em nota de rodapé como um dos precursores da psicologia arquetípica (Hillman, 1975/2010, p. 67, nota de rodapé 32) —, a menção a Husserl e ao método fenomenológico ocorre apenas no Capítulo 3, quando Hillman apresenta sua própria definição do processo de “psicologizar” e/ou “enxergar-através” (Idem, *Ibidem*).

O método fenomenológico de Husserl é considerado em comparação com o psicologizar arquetípico. Segundo Hillman, o trabalho fenomenológico, assim como o psicologizar, perguntará sobre a essência dos fenômenos a partir de sua ocorrência imediata. Como escreve:

Quando nos voltamos para os próprios eventos e nos perguntamos o que eles são, nosso trabalho é fenomenológico. E nosso trabalho é fenomenológico quando procuramos pela essência do que está ocorrendo em termos de uma ideia essencial ou de um estilo de consciência, colocando de lado todos os *por que(s)* e *como(s)* (Hillman, 1975/2010, p. 273).

Próximo do que afirma o próprio Husserl (1990), a tarefa do método fenomenológico será a inteligência das essências dos fenômenos, ou seja, a compreensão da estrutura eidética da própria experiência, tal como dada imediatamente em sua apresentação à

consciência (Husserl, 1907/1990, pp. 24-25). Essa concepção aproxima-se da visão de Hillman da essência como pano de fundo arquetípico dos fenômenos, a qual ele chama em outras passagens de *eidōs* e/ou imagem que configura as diferentes modalidades de experiências. De forma análoga, Hillman refere-se ao *eidōs* como o estilo e/ou moldura que configura um determinado modo de consciência (Hillman, 1975/2010, p. 273).

Portanto, considerando que a fenomenologia e o psicologizar compartilham da mesma questão disparadora, o “o quê” e não o “porquê” ou “como”, e também compartilham o mesmo propósito, ou seja, apreender a essência dos fenômenos, então utilizaremos o método fenomenológico de Husserl como base comparativa para aprofundar nosso entendimento sobre a natureza do próprio processo de psicologizar, ou seja, o que ele é, assim como compreender sua aplicabilidade psicológica.

Em uma descrição sucinta sobre o psicologizar, Hillman define-o como um movimento de descoberta psicológica e/ou de obtenção de *insight*, bem como um processo e/ou movimento que pretende apreender o plano de fundo imagético dos fenômenos. Porém, para cumprir com a tarefa de elucidar o entendimento sobre o psicologizar, tendo como fundo a fenomenologia husserliana, dividiremos o processo em quatro movimentos ou fases, a saber: a fase de “insight”; (2) a fase de “subjativizar”; (3) a fase de “mitologizar”; (4) a fase de “retorno ao *eidōs*”. Deve-se considerar que essas fases não respeitarão necessariamente uma descrição hierárquica e nem sempre ocorrerão uma após a outra.

A primeira fase do processo definida por Hillman como momento de “reflexão”, se dá primordialmente através de um questionamento ou de um sentimento inicial de perplexidade diante de nossa própria percepção e/ou de nossa atitude pré-reflexiva sobre os fenômenos. Será nessa primeira fase de espanto que tudo aquilo que havia sido tomado até então como óbvio e/ou transparente será colocado entre parênteses, de tal forma que todos os pressupostos e percepções tidas como naturais diante dos eventos serão colocados em xeque (Hillman, 1975/2010, p. 246).

Lado a lado à redução fenomenológica husserliana, o primeiro movimento do psicologizar colocará entre parênteses as percepções pré-reflexivas sobre os fenômenos, aspecto fundamental à *epoché* do método de Husserl (Husserl, 1907/1990; Zahavi, 2015). Sendo assim, a primeira fase do psicologizar visa enxergar através das afirmações, dos pensamentos, dos sentimentos e das ideias psicológicas, colocando-as todas entre parênteses, movimento que se dá sempre do aparente para o menos aparente, do superficial ao profundo. O psicologizar não toma nenhum argumento filosófico ou tese científica como absolutos. Por não se fixar a uma única ciência ou filosofia e atentar-se a todo fenômeno como algo fundamentalmente imaginal, essa postura só se satisfaz no seu próprio movimento de enxergar através, como escreve Hillman (1975/2010, p. 276).

A segunda fase do psicologizar, nomeada por Hillman de “subjativizar” (no original, em inglês, *subjativizing*), enfatizando o fato de estar em movimento, será descrita por ele como um movimento de subjativizar dos eventos, ao tratá-los como pessoas dotadas de subjetividade, como destaca Hillman: “[...] é um processo de aprofundamento, passando dos dados dos acontecimentos impessoais para a sua personificação, é um processo de subjativizar”⁶ (Hillman, 1975, p. 140). Podemos dizer que o processo de subjativação opera em duas frentes.

Primeiro, possibilita a compreensão do mundo como constituído igualmente por uma realidade subjetiva e psíquica, opondo-se à compreensão literal do mundo como sendo impessoal, exterior e/ou superficial em relação à psique. Essa última abordagem é baseada em uma fantasia materialista que idealiza o mundo como um conjunto de fatos meramente objetivos, concretos, literais e vazios de significado em si mesmos (Hillman, 1975/2010, p. 277).

Segundo, na medida em que o subjativizar reconhece o fundamento psíquico do mundo, então não só devolverá alma aos fenômenos, como possibilitará ao psicologizar acontecer, isto é, possibilitará a apreensão do fundo arquetípico da experiência.

Isso porque começa a reconhecer a subjetividade como um princípio arquetípico que não está confinado às mentes dos sujeitos, mas que vai além delas. Portanto, subjativizar não se reduz ao eu, mas sim é compreendido como o princípio arquetípico que dota o mundo de “interioridade psicológica”, como escreve Hillman, possibilitando assim uma leitura psicológica de todos os fenômenos do mundo (Idem, *Ibidem*).

Também em Husserl podemos ver que o conceito de subjetividade não é equivalente ao conceito de eu (ou “ego”). O postulado da “subjetividade transcendental” aparece em Husserl após a virada transcendental em sua filosofia, a partir da qual vemos o esboço da concepção de uma proximidade absoluta entre a subjetividade e o mundo. A subjetividade transcendental é entendida como “doadora de sentido com suas potencialidades”, como uma unidade transcendental que opera como síntese entre a experiência do eu empírico e o transcendente, da qual procede o próprio sentido do mundo e dos fenômenos (Hua 8/ 215, citado em Zahavi, 2015, p. 101).

Será na quarta e última fase do psicologizar, a fase de retorno ao *eidós*, em que encontraremos o maior grau de proximidade entre o psicologizar e o método fenomenológico, já que, segundo Hillman (2010), ambas se perguntam sobre a essência dos fenômenos, isto é, sobre seu *eidós*. Em Hillman, o retorno ao *eidós* aponta justamente para o movimento de passagem de uma percepção literal sobre os fenômenos até a apreensão da imagem arquetípica, sendo o *eidós* o *background* arquetípico que configura os estilos de consciência, os modos de ver e ser no mundo, a fantasia que sustenta experiências, comportamentos, pensamentos, etc. (Hillman, 1975/2010, p. 242).

A redução eidética husserliana significa literalmente uma redução à essência, palavra que deriva do grego *eide*, a ideia platônica. Sendo assim, o *eidós* não deve ser interpretado somente como um conceito mental e/ou uma representação na acepção moderna do termo, muito menos como uma substância

⁶ Tradução livre.

metafísica dada *a priori*, mas antes como a estrutura eidética de um determinado modo de apreender o mundo. Sendo assim, a redução fenomenológica manterá sempre uma relação tética com a experiência do mundo, intencionando a transição de uma atitude natural diante do mundo para uma compreensão do *eidos* que constitui essa atitude. Dito de outra forma, a fenomenologia partirá da percepção concreta até as essências dos fenômenos, isto é, a estrutura essencial de uma determinada experiência (Føllesdal, 2012; Hillman, 1975/2010, p. 242).

Encontramos em Hillman o mesmo princípio de mover-se de uma atitude natural, objetiva e concreta face aos fenômenos para a apreensão da sua constituição imagética, do seu plano de fundo arquetípico. Na verdade, o próprio propósito do psicologizar é o retorno dos eventos ao seu *eidos* arquetípico, a moldura dos estilos de percepção do mundo, como o próprio Hillman aponta em *Re-vendo*: “Significa olhar para as molduras de nossa consciência, as jaulas em que nos sentamos e as barras de ferro que formam as grades e defesas da nossa percepção”⁷ (Hillman, 1975, p. 127).

Poderíamos dizer que, assim como a redução fenomenológica visa a essência do ato intencional da consciência, o psicologizar hillmaniano busca apreender a imagem que configura determinados modos de ver, deslocando assim a atenção do objeto visto para o ato de ver ele mesmo, com o objetivo de ver através desses estilos literalizados de consciência (Cerbone, 2012; Føllesdal, 2012; Hillman, 1975, p. 132; Husserl, 1907/1990).

Trabalho com as Imagens Oníricas

Mantendo-se fiel ao fenômeno, a psicologia arquetípica desenvolveu seus próprios processos e movimentos para trabalhar com as imagens oníricas, como o processo de reafirmação (*restatement*) e de analogia, utilizados por Hillman (1979/2019) e Berry (1974/2014). Além de identificar a perspectiva fenomenológica inerente às técnicas utilizadas pelos

autores, incorporaremos o processo de variação imaginativa do método fenomenológico husserliano.

Por meio da análise das imagens de sonho de um paciente, demonstraremos como o método fenomenológico pode contribuir para a compreensão do trabalho com imagens oníricas em psicologia arquetípica. Seguindo a recomendação de Hillman sobre a necessidade de permanecer próximo ao fenômeno tal como narrado pelo paciente Fa., como segue:

Havia um leão em cima de uma colina. Lá em cima no topo não tinha nada, só um céu amarelo e o leão. O leão tinha um rosto de pelúcia, como se tivesse sido desenhado. Então, ele se transforma em um tapete e cai como uma pena.

Inicialmente, conforme a primeira fase do psicologizar, será fundamental suspender as interpretações prévias sobre a imagem onírica, colocando-as entre parênteses, afim de apreender as peculiaridades da imagem, suas características, suas qualidades e seu contexto, mantendo assim a precisão da imagem, como pontua Hillman. Segundo Berry (1974/2014), nossa tendência interpretativa é uma determinação ontológica, uma vez que nosso próprio ser é previamente determinado por um contexto cultural e histórico. Ao fazer parte de um imaginário coletivo, qualquer tentativa de amplificação pode acabar generalizando a imagem, deslocando-a do seu contexto, apagando suas particularidades e reduzindo-a a um signo, um operador conceitual que apenas traduz a imagem de acordo com um sistema interpretativo pré-estabelecido, considerando a definição de Jung sobre símbolo como “a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido” (Jung, 2013, p. 487; Hillman, 2079/2019).

A imagem do leão, por exemplo, poderia facilmente ser interpretada como o “ego” do sonhador, o sol, ambição, orgulho, o signo de Áries, o rei da floresta, poder ou força, ou ainda associada à Hércules ou ao Deus Apolo. No entanto, essas interpretações afastam-se da

⁷ Tradução livre.

experiência direta da imagem. Por outro lado, a perspectiva fenomenológica de Hillman centra-se na imagem onírica com base na sua própria ocorrência fenomenológica, e não como um simples sinal ou alegoria/representação de outra coisa. Como ele escreve: “Não queremos preconceitos sobre a experiência fenomenal do seu desconhecimento e de nossa inconsciência (...) Queremos ir até as imagens sem a defesa dos símbolos” (Hillman, 1979/2019, p. 27).

O processo de subjetivizar envolve o reconhecimento de que as imagens não apenas possuem autonomia e subjetividade, mas também transcendem a tendência interpretativa do ego sonhador, delimitado por determinado contexto histórico e cultural. Subjetivizar liberta as imagens do controle do ego sonhador, permitindo que deixem de ser meros objetos, coisas ou símbolos a serem decifrados, para serem compreendidas como totalidades vivas e interconectadas (Idem).

Como expressões de uma trama psicológica na qual o ego sonhador está inserido, mas sem ocupar o papel central, o leão com rosto de ursinho de pelúcia, o céu amarelo e o topo da colina sem nada, são imagens arquetípicas que expressam diferentes modos de ser: o ser-leão, o ser-ursinho de pelúcia, o ser-céu amarelo, o ser-colina e até mesmo o ser-pena (Idem, p. 28).

Por fim, avançamos para as fases de mitologizar e retorno ao *eidos*. Através dos processos de analogia, reafirmação e/ou repetição, Hillman busca ampliar o sentido das imagens do sonho, afim de apreender o *eidos* da cena onírica, ou seja, sua configuração essencial, seu *background* arquetípico. Importante ressaltar que esse processo não visa revelar a suposta verdade oculta por trás do fenômeno, mas antes evidenciar o significado arquetípico do fenômeno que já está ali dado na própria imagem, aproximando-se dela em um movimento circular (*circuambulatio*).

A variação imaginativa do método fenomenológico é um processo que utiliza a imaginação para adicionar ou remover elementos de uma experiência, modificando sua cor, textura e forma até atingir o seu ponto limítrofe. O propósito é identificar a estrutura essencial da experiência, conduzindo a imagem ao ponto em que ela perde aquilo que a define

essencialmente como ela mesma (Føllesdal, 2012; Cerbone, 2012).

Por exemplo, poderíamos experimentar a variação das cores da cena do sonho. Ao substituir a cor amarela do céu por azul, transgredimos os limites da imagem, alterando suas qualidades e características. Se essa mudança nos faz perder de vista a imagem, concluímos que a cor amarela é essencial à imagem. Da mesma forma, podemos modificar a forma do leão, imaginando-o sem pata, como o leão *nigredo* da alquimia, ou mesmo com espinhos ou chifres. Mais uma vez, transgredimos os limites da imagem, que nos apresenta um leão com rosto de ursinho de pelúcia, sem chifres. Se substituíssemos seu rosto de pelúcia por um semblante de um leão realista, a imagem perderia sua identidade, concluindo que a qualidade de ser “ursinho” é essencial à imagem. Dar ênfase e contorno a essas características garante a precisão da imagem.

O processo de reafirmação (*reinstatement*) consiste na repetição direta e pura das imagens da cena. A repetição da narrativa contada pelo sonhador, bem como o jogo de inversão das imagens, trocando-as de lugar entre si, possibilitará uma releitura das imagens sob outras perspectivas possíveis, ampliando o sentido da própria narrativa do sonho (Hillman, 1979/2019, p. 98-99).

Em uma colina havia um leão. Acima do leão, um céu amarelo. O leão estava sobre a colina ou a colina estava abaixo dele? O leão tinha um rosto de pelúcia, e no topo da colina não havia nada. Não havia nada em seu rosto, ou era a colina que estava vazia? O leão foi desenhado, transforma-se em tapete e cai como pena. Ou talvez caia como um tapete, transforme-se em desenho e seja desenhado com a leveza de uma pena... Enquanto a pena cai, a colina permanece vazia. Não há rosto, não há nada, apenas a pena caindo. Pena de quem? Do leão? Da colina vazia? O leão é amarelo e, então, torna-se nada, torna-se ursinho de pelúcia. O Leão sobre a colina... ou seria um nada? Um ursinho de pelúcia desenhado?

Já o processo de analogia consiste em buscar padrões de semelhança dentro da narrativa, ouvindo-a metaforicamente. No entanto, as semelhanças não se baseiam na origem das imagens, mas na função que as conecta. Como escreve Hillman: “As analogias mantêm-nos no funcionamento funcional da imagem, nos padrões de semelhanças, sem postular uma origem comum para essas semelhanças”⁸ (Idem, Ibidem). Diferente das interpretações, a analogia não busca decifrar significados ocultos, mas destacar e aprofundar o aspecto arquetípicos dos sonhos, dando-lhes formas e padrões possíveis (Hillman, 1979/2019).

“É como se o leão não fosse real, mas antes um brinquedo, um bichinho de pelúcia. É como o leão de *O Rei Leão*, ou o ursinho de pelúcia da minha infância. Quando se transforma em tapete, parece perder substância, tornando-se leve como uma pena, como se fosse apenas um pensamento infantil. Lembra os desenhos que eu fazia com minha mãe aos seis anos”. O analista também pode fazer analogias: o sonhador descreve o leão como desenhado, é como se toda a cena fosse uma criação, um traço idealizado. O vazio do topo da colina é como uma falta, uma ausência, um furo. Como se toda a cena fosse uma ficção moldada por um imaginário infantil, uma consciência pueril, *puer*.

Poderíamos continuar esse exercício até a exaustão, pois as analogias não pretendem esgotar as possibilidades de sentido das imagens em uma única interpretação, mas sim revelar os múltiplos significados da imagem, como fonte inesgotável de *insights*. A função das analogias é reafirmar o sentido já dado na imagem, revelando suas conexões e possibilidades significativas dadas pela própria imagem. Dessa forma, as analogias dão cada vez forma e profundidade à vida do sonhador, tornando-a mais uma vez imaginativa e metafórica. Como aponta Hillman, as analogias não buscam estreitar a imagem em um único significado, “Elas mantêm a imagem ali, viva e bem, retornando a ela a cada vez para um novo sentido dela”⁹ (1979/2019, p. 120).

Considerações Finais

A aproximação da Psicologia Arquetípica com o método fenomenológico husserliano não guarda a pretensão de reduzir o psicologizar ao método de Husserl. Em vez disso, pretende evidenciar a possível influência de Husserl no pensamento e na obra de James Hillman. Mencionado e utilizado pelo próprio Hillman, o método fenomenológico nos serve como uma ferramenta para clarificar e aprofundar o entendimento da metodologia proposta em *Re-vendo*, especificamente o psicologizar enquanto um movimento de enxergar-através dos literalismos psicológicos, afim de desvelar seu fundo eidético e imaginal.

Entretanto, como Hillman adverte em *Re-vendo*, há uma diferença fundamental entre o método fenomenológico e a psicologia arquetípica. Enquanto a fenomenologia detém-se a um exame da consciência, a psicologia arquetípica investiga as imagens e a imaginação, sendo essa última elevada ao status de princípio ontológico. Seguindo a afirmação de Jung, a fantasia ocupa o lugar principal em uma psicologia criativa (Jung, 2013, p. 66 citado em Hillman, 1983/2022, p. 19). Como Hillman pontua: “a redução fenomenológica torna-se uma reversão arquetípica, um retorno aos padrões e pessoas míticas”, processo denominado “mitologizar” (Hillman, 1975/2010, p. 273).

Como Hillman enfatiza: “fenomenologia e psicologia arquetípica se necessitam mutuamente”. Portanto, a fenomenologia requer estruturas míticas e arquetípicas para evitar o vácuo existencial, enquanto a psicologia arquetípica necessitará do sentido deslateralizante da fenomenologia para não coagular em uma nova tipologia sobre deuses e deusas (Hillman, 1979/2019, p. 52). ■

⁸ Tradução livre.

⁹ Tradução livre.

Referências

- Berry, P. (1974). Uma Abordagem ao Sonho. In: *O Corpo Sútil de Eco*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, pp. 69-100.
- Brooke, R. (2009). *Jung and Phenomenology*. Pittsburgh: Trivium Publications.
- Brooke, R. (2000). *Pathways into the Jungian World: phenomenology and analytical psychology*. London and New York: Routledge.
- Casey, E. (2016). Introduction. In: *Philosophical Intimations* (UE 8). Putnam, Connecticut: Spring Publications, pp. 5-23.
- Cerbone, D. (2012). *Fenomenologia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Corá, J. (2022). *A atitude fenomenológica em James Hillman: em Emotion e desdobramentos em obras posteriores*. Dissertação de Mestrado, Programa da Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná.
- Føllesdal, D. (2012). Husserl's Reductions and the Role They Play in his Phenomenology. In: *A Companion to Phenomenology and Existentialism*. São Paulo: Loyola, 2012, pp. 107-114.
- Husserl, E. (1907). *A Ideia da Fenomenologia (Cinco Lições)*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- Husserl, E. (1913). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: Introdução Geral à Fenomenologia Pura*. São Paulo: Ideais & Letras, 2006.
- Hillman, J. (1959). *Emotion: A Comprehensive Phenomenology of Theories and Their Meanings for Therapy*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1992.
- Hillman, J. (1983). *Psicologia Arquetípica: Uma Introdução Concisa*. São Paulo: Cultrix, 2022.
- Hillman, J. (1975). *Re-vento a Psicologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- Hillman J. (1979). *Uma Investigação Sobre a Imagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- Jung, C. G. (1921). *Tipos Psicológicos (OC 6)*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- Jung, C. G. (1943). O Método Sintético ou Construtivo. In: *Psicologia do Inconsciente (OC 7/1)*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, paras. 121-191.
- Jung, C. G. (1968). Fundamentos da Psicologia Analítica (Tavistock Lectures). In: *Vida Simbólica (OC 18/1)*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013b, paras. 1-415.
- Jung, C. G. (1967). *Estudos Alquímicos (OC 13)*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013c.
- Moore, T. (1991). *The Essential James Hillman: A Blue Fire*. London and New York: Routledge.
- Russell, D (2013). *The Life and Ideas of James Hillman: the Making of a Psychologist*. Vol 1. New York: Helios Press.
- Samuels, A. (1989). *Jung e Pós-junguianos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sartre, J. P (1939). *Esboço para uma Teoria das Emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- Tacey, D. (1998). Twisting and Turning with James Hillman. In: *Post-Jungians Today: Key Papers in Contemporary Analytical Psychology*. London: Routledge, pp. 215-234.
- Zahavi, D. (2015). *A Fenomenologia de Husserl*. Rio de Janeiro: Via Verita.

Contribuição dos Autores: O artigo é de autoria única.

Disponibilidade de dados: Os dados que sustentam a análise deste manuscrito são provenientes de fontes bibliográficas citadas ao longo do texto e encontram-se integralmente referenciados na seção de Referências. Não foram gerados ou analisados dados brutos adicionais durante o presente estudo.

Financiamento: Nenhum financiamento a declarar.

Conflito de interesses: Nenhum conflito de interesses a declarar.

Editora do artigo: Vera Lúcia Viveiros Sá 